

INSTITUTO JUNGUIANO DE SANTA CATARINA - IJUSC

Este paper é apresentado à Diretoria de Ensino do IJUSC como pré-requisito para avaliação semestral do processo de Formação para Analista Junguiano.

Candidata: Carolina Schiesari

Paper 6 - Florianópolis, 12 de janeiro de 2024

Lançar continente ao mar

Diante dos maiores ou menores desafios enfrentados, sejam eles mais de ordem interna ou externa, pessoal ou coletiva, buscamos saídas. Sejam elas desvios, atalhos, pontes, construções ou demolições. Buscamos refúgio. Buscamos casa. Mas como seria possível encontrar morada logo que pisamos pé em terras estrangeiras? Perante uma dor, uma perda, uma desilusão, morte, nascimento, exoneração; encarar distanciamentos e aproximações necessariamente nos impele uma entrada em setor desconhecido e muitas vezes tonalizado por medos e inseguranças.

Sem conhecer essa nova realidade que se impõe às nossas vidas (com determinada periodicidade: diga-se de passagem), nos vemos muitas vezes enrolados nos fios do conflito, sem conseguir desatar os nós - como aqueles que apertam mais quando tentamos afrouxar. Geralmente posicionados nas extremidades da corda, a disputar cabo de guerra, em grandes conflitos essa brincadeira não rola. Puxa daqui e puxa de lá, e a gente só se enrola. “Não é por aí”, eis o sussurro ao pé do ouvido. Por onde seria então?

A brincadeira de cabo de guerra, imagem de tensão entre opostos, nem sempre traz ludicidade nesses momentos, mas denuncia a violência da batalha. O conflito muitas vezes é sangrento, todavia abre margem para outros caminhos serem percorridos. De acordo com Jung (1998), é a tensão de opostos que faz nascer a consciência (O. C. VIII/2, § 750):

a vida psíquica do homem civilizado é cheia de problemas, e não pode ser concebida senão em termos de problema. Grande parte de nossos processos psíquicos são constituídos de reflexões, dúvidas, experimentos – coisas que a psique instintiva e inconsciente do homem primitivo desconhece quase inteiramente. É ao crescimento da

consciência que devemos a existência de problemas; eles são o presente de grego da civilização. *É o afastamento do homem em relação aos instintos e sua oposição a eles que cria a consciência.* O instinto é natureza e deseja perpetuar-se com a natureza, ao passo que a consciência só pode querer a civilização ou sua negação.

Paradoxalmente, é também devido à ampliação da consciência que aumentam os problemas. “Sem consciência, não existem problemas”, prossegue o autor. (O. C. VIII/2, § 754). Como um movimento urobórico, que talvez não consigamos encontrar escapatória, seguimos buscando saídas incessantemente. Talvez seja válido considerar ser esse o trabalho, a Arte num sentido macro: sair por uma porta ao mesmo tempo que se entra por outra.

Olhando agora para o micro, na pessoalidade de cada um de nós, defronte de um problema inicialmente insolúvel, o que fazer? A insolubilidade em si já é de dor: dureza e secura. Sintomas dos mais diversos aparecem como coro: ‘Isso precisa ser solucionado’. O caminho conhecido não mais fornece recursos. A direção oposta, tampouco, “fazer o oposto, é fazer a mesma coisa só que ao contrário”, já dizem por aí. Por onde transitar? Cadê a saída? O que fazer? E como fazê-lo?

A essas e outras questões, em seu texto *A função transcendente* (O. C. VIII/2), Jung (1998) nos aponta um sentido: não é pelas vias racionais. Faremos uma digressão, para buscar percorrer outras trilhas, que possam vir a compor o presente texto.

Racional, como Jung (2012) descreve em *Tipos psicológicos*,

(...) é o que corresponde à razão. Considero a razão uma atitude que tem por princípio conformar o pensamento, o sentimento e a ação com os valores objetivos. (...) A atitude racional que nos permite declarar valores objetivos como válidos em geral não é obra do sujeito singular, mas da história humana. (O. C. VI, § 884/873).

A fim de complementar a racionalidade, o autor propõe, na mesma obra, o seguinte acerca do Irracional:

Ainda que o irracional em si não possa ser objeto de ciência, é de suma importância para a psicologia prática dar-lhe o devido valor. Na verdade, a psicologia prática levanta muitos problemas que não podem

ser resolvidos racionalmente e exigem uma solução irracional, isto é, um caminho que não corresponde às leis da razão. A expectativa ou convicção de que todo conflito deve ser resolvido exclusivamente por meios racionais pode impedir uma verdadeira solução de natureza irracional. (O. C. VI, § 868/837)

Isto posto, voltemos ao texto *A função transcendente*, em que Jung (1998) indica uma possibilidade de saída do conflito via irracionalidade. Sendo o irracional, aquilo que não pode ser apreendido pelas leis da razão, temos diante de nós a tarefa de nos voltarmos à sensação e à intuição - as ditas funções irracionais. Nos entregar ao corpo, ao movimento e expressão desse continente pessoal que habitamos do nascimento à morte. Reverenciar a chama, a faísca muitas vezes ininteligível que acende dentro de nós, por vezes mais próxima, outras mais distantes. Assim, é tempo de rendição àquilo que não sabemos de antemão, mas se impõe a nós.

Neste texto, Jung (1998) sinaliza ainda mais em relação à resolução do conflito: uma via outra, cunhada na aproximação entre consciente e inconsciente. Desta maneira, a consciência se expande enquanto caminha de mãos dadas com o inconsciente, que por sua vez, tem seu espaço considerado.

Não se pode fazer isto, condenando unilateralmente os conteúdos do inconsciente, mas, pelo contrário, reconhecendo a sua importância para a compensação da unilateralidade da consciência e levando em conta esta importância. A tendência do inconsciente e a da consciência são os dois fatores que formam a função transcendente. É chamada transcendente, porque torna possível organicamente a passagem de uma atitude para outra, sem perda do inconsciente.

(O. C. VIII/2, §145)

Em tom confessional, a escrita a seguir é o resultado de uma elaboração de um conflito pessoal. Sem nada poder ver à frente, ou mesmo atrás e aos lados, em termos de novos rumos acerca de uma problemática, essa composição surgiu quase instantaneamente após a proposição de trabalho arteterapêutico. A pintura do outro abriu um texto em mim.

Como se fosse possível e, poeticamente é - porque, como sabemos, no rearranjo léxico, isso o é - lanço continente ao mar.

Prendo a tarrafa à boca e atiro, na esperança que algo vivo se agarre à rede no retorno à terra. (S)em ar, a criatura padece e serve, assim, de alimento. Nutrir a alma com aquilo que advém das profundezas oceânicas.

Uma vez nascida e criada em água, a criatura atinge o ar - sublima - e logo cai por terra - em terra, sucumbe, enterra. É na terra que se (em)presta ao alimento. É no corpo que se faz nascida novamente. No corpo renasce, faz nascer um corpo.

Há muitos tipos de pesca: com arpão, rede, vara. Cada artefato se adequa ao pescador, às águas, às intempéries do tempo, à pesca, ao pescado. Tem pesca que serve só para uma refeição, outras para uma vila, ou mesmo a uma nação inteira. A gente nunca sabe o que vai vir de lá do fundo do mar.

Lançar continente ao mar é pescar, é navegar, é remar, nadar, mergulhar. É se haver com o desconhecido que vem, que surge mais ou menos repentino. Às vezes a gente sabe que é temporada desse peixe e que correntes frias são previstas para essa época do ano. Às vezes a gente sabe que nessa pontinha da praia dá muito daquele crustáceo, e que, fazendo fazenda, dá pra cultivar aquele outro. Mas às vezes, não. Aliás, muitas vezes não dá pra saber.

Diz-se que sabe-se mais das galáxias do que do fundo do mar. Esse micro tão macro que habitamos e nos habita é assombroso!

Assombro, assombração, sombração, sombra. O incógnito maior. Obscuro, faz-se presente e, desta forma faz-se - de certa forma - luz. Ou o prelúdio dela. Ou o contorno dela. Contorno - continente. Margear com linha. Delimitar. Marcar. Marcar o corpo. O corpo enquanto marca conhecida (ou não) do desconhecido. Percorrer as linhas do corpo e desvendar um mapa. Por onde ando, o caminho se faz em mim.

Aguar o papel e pingar tintura diluída. Imersa na incumbência anímica da revelação, gotejo colorações nesse novo mar, agora tão alcançável. Tonalidades afetivas submergem, e tão logo emerge a surpresa. Os olhos são quem primeiro presenciam as emoções que avivam e percorrem o corpo todo. O coração se anima, as mãos buscam outras cores, outros ângulos, experimentam movimentos distintos. Dá vontade de fazer mais, de experimentar mais! Há uma curiosidade contundente: O que é tudo isso que me atravessa agora? O corpo é testemunho vivo. Memórias, lembranças, sensações... Algo é despertado. Pode ter forma específica ou não. As formas também podem mudar de forma - depende da diluição. E da secagem. Mas a emoção primária veleja melhor quando em vias úmidas.

Uma vez enxuto o primeiro trajeto parto rumo à transposição destas imagens. Parto: partir, parir. Fazer nascer a novidade. O novo é pai do velho. "O menino é pai do homem", como diz o outro. A terra também mora no fundo do mar, mas está afundada.

Cá estou em busca de enxugar para enxergar e atuar (em) outras áreas.

O traço fino do marcador delinea no papel continuamente. De olhos fechados, a mão segue o tempo que deseja a mente ou o coração. O que há nesses espaços? O que se figura é dado pelas linhas ou entrelinhas? É frente, verso, reverso ou avesso? O conteúdo se revela pela luz ou pelo negativo? Quais formas são identificáveis nesse conteúdo? Quando essas formas tomam forma diante dos olhos, que o que contém?

Detenho-me então, a deslocar tais imagens, tirá-las do emaranhamento. Destacá-las com lâminas imaginárias e colá-las em desenho em outro papel. Ei-me aqui, novamente, diante de um novo suporte. Mais um chão para pisar, e descobrir rumos outros. Risco e me arrisco a dar contorno - a mim mesma inclusive. Ou principalmente. Na passagem de um lugar para outro, encontro e perco espaços. A direção permanece e a mudança também.

Escrever também é desenhar. A palavra escrita tem um desenho próprio - mais ou menos determinado. Depende de quem lê, e de quem escreve, claro! Desenhar com palavras é alinhar imagens. Coser colcha para se cobrir, colchão para se deitar. Cozer. Cozimento. É cozinhar um sabor só nosso para que

o outro possa experimentar também. As palavras desenhadas traduzem idioma anímico em língua coletiva. Escrever é (a)firmar o pensamento junto à caminhada.

Chego à terra enfim. Terra à vista - Terra às mãos. A mão é terra. Manusear é aterrar. Do barro fez-se (e faz-se) o homem. Criar a partir da matéria bruta, crua, primal. Mexer, apertar, alisar, amassar, amansar, modelar. Forjar sem (se) adulterar. Alterar enquanto esboça. Inspirar e esculpir. Plasmar. Fazer circular o sangue, o quente, a vida, o mar que também reside dentro. A terra faz o corpo. O corpo assenta. Continente e mar se aninham. Contemplo o quebrar incessante das ondas na areia da praia.

O processo de escrita desta peça foi tão intenso e rápido quanto foi seu efeito em termos de apaziguamento interno. O conflito, a observação do outro, a escrita sucederam na abertura de outros campos. Campos que se mostraram férteis e guardam em si a semente de um porvir. “O homem precisa de dificuldades; elas são necessárias à sua saúde”, como já disse Jung (1998) (O. C. VIII/2, § 143). Afinal, como ele afirma, “Cada problema, portanto, implica a possibilidade de ampliar a consciência, mas também a necessidade de nos desprendermos de qualquer traço de infantilismo e de confiança inconsciente na natureza” (O. C. VIII/2, § 751).

O cultivo dos nossos campos necessita de ferramentas, labor, intencionalidade e não somente da observação passiva da natureza. Fiando agora com os fios que outrora me prendiam, (con)fio-me aos meus próprios sacrifícios.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

JUNG, Carl Gustav. Tipo Psicológicos OC 6. Petrópolis: Vozes, 2012.

JUNG, Carl Gustav. A natureza da psique OC8/2. Petrópolis: Vozes, 1998.